

Na qualidade de titular dos direitos autorais do trabalho citado, em consonância com a lei de direitos autorais n 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita no repositório da UNIFESP, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais, para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico desse trabalho para fins de divulgação intelectual da instituição.



Departamento de Ciências Sociais

Lais Silvestre Fernandes

Oz Guarani

Poética de resistência política

Orientador: Uirá Garcia

Guarulhos, 2018

Resumo

Dentro da etnologia indígena e da antropologia da música, a proposta deste trabalho de conclusão de curso é apresentar como alguns grupos musicais indígenas vem incorporando estilos, por assim dizer, “não-indígenas”, em suas produções, tendo como resultado imediato a criação de uma nova maneira de se produzir música indígena especificamente, e música popular de maneira geral. A hipótese aqui esboçada é de que tal interação consiste não só em uma nova e contemporânea música indígena (com potencial de influenciar outros estilos musicais não-indígenas), mas também uma forma atual de luta e resistência, onde são elaboradas novas formas de arte e de luta política de maneira indissociável. A partir do estudo de etnomusicologia e da etnologia indígena do contato interétnico, além de perspectivas da antropologia contemporânea tentaremos compreender como ocorre tal cruzamento de ritmos e ações, bem como as formas de inserção desses grupos/bandas na arena política indígena contemporânea.

Palavras-chave: Etnologia Indígena; Contato Interétnico; Política Indígena; Etnomusicologia

Abstract

Through an ethnologic and anthropological perspective of music, this work was born with the intent of study native south-american indigenous music groups that had incorporated other music styles, that are sustained as “non-indigenous” productions with the ultimate result as a creation of a new way of product indigenous music, and popular music in general. The hypothesis is that this new interaction consist not just into, a new esthetical and contemporaneous way of making indigenous music, considering the potential influence on other musical style including non-indigenous, but also as a way of resistance and political fight, where the mimeses among the non-indigenous songs are made as a new form of art and politic in a inseparable way. Starting from the study of musical anthropology and the ethnology of interethnic contact using recent authors we’ll try to understand how such crossing of rhythm and action are possible, as well as how those groups insert themselves into the musical scene.

Key-words: Indigenous Ethnology; Interethnic Contact; Indigenous Policies; Anthropology of Music

SUMÁRIO

Capítulo I

1.1 Introdução	4
1.2 Música Indígena	5
1.3 Sobre o Trabalho	8
1.4 Metodologia	11
1.5 O Rap no Brasil	12

Capítulo II

2.1 Oz Guarani	14
2.2 Poética	20

Capítulo III

3.1 Conclusão	25
---------------	----

Anexos

Transcrição da entrevista	27
Foto	

Referência	42
------------	----

Introdução 1.1

"O pensamento encontra no som, isto é, na palavra, sua forma maior de expressão." (LE BRETON, p. 130). Ao me deparar com esta frase em um livro, entendi que meus mais ricos sentimentos pela música e pela poesia, haviam no fundo, uma razão antropológica, ou melhor uma razão etnomusicológica de ser, cujas raízes vão além do simples "gostar", e foi pensando em todo potencial que essas formas de arte carregam, que me propus a compreender as poéticas criadas e expressas no rap indígena contemporâneo, suas formas, intencionalidades, ou seja suas razões de ser. Porém antes de me estender neste exercício, creio ser necessário uma contextualização acerca dessas potencialidades, da seleção do gênero musical, e do próprio contexto de origem deste.

O Brasil conta hoje com mais de 250 etnias, compostas por povos com os mais variados graus de contato. Além de todo este extenso cenário étnico, encontramos diversas formas de relações políticas e sociais entre povos e diversas entidades, dentro daquilo que chamamos de "contato". Essas mudanças, por sua vez, podemos ver refletidas diretamente nas ações e expressões que encontramos na vida da juventude indígena, sobretudo, como por exemplo encontramos no grupo de rap "Oz Guarani".

O presente trabalho tem como objetivo compreender as origens e intencionalidades da poética musical desenvolvida pelo grupo de rap indígena "Oz Guarani", cujos integrantes são MC Xondaro, Vlad MC e Mano Glowens, que se encontram no pico do Jaraguá, localizado no extremo Sul da região metropolitana de São Paulo, território da etnia guarani onde residem cerca de cinco aldeias, a Reserva Indígena *tekoa pyau* é a menor área indígena do Brasil, com 1,7 hectare, e cerca de 700 indígenas. A área delimitada, além de já estar cercada por rodovias e ruas pavimentadas, não possui uma área de mata que seja suficiente para a manutenção do modo de vida guarani, ou seja não comporta um ecossistema suficientemente grande para que sejam possíveis a caça e a pesca, como dizem os próprios moradores do Pico do Jaraguá no videoclipe da música "índio é forte". Por ser uma área de constante enfrentamento político por terras, como é comum nas lutas indígenas, e inserida em uma região da periferia de São Paulo, vemos traduzidos nas poéticas deste grupo, em forma de rap,

elementos da vida indígena. Os guarani, assim como todos os grupos de rap, carrega em si características do próprio estilo musical, tais como as críticas sociais e políticas, batidas e frequências melódicas. Levando em consideração suas especificidades, os processos de transformação social e musical envolvidos no nascimento do rap e, por conseguinte o contexto que possibilitou e impulsionou o surgimento dessa síntese político-musical que é o rap indígena contemporâneo.

Tais transformações podem ser pensadas sob a ideia da emergência do que proponho ser uma “nova música indígena”, ou uma “música indígena contemporânea”, e ideias correlatas. Tais processos revelam aspectos cruciais de novas estéticas e produções artísticas levadas a cabo por jovens indígenas, ao passo que incorporam novas lutas políticas além de novas relações com os não-indígenas e o mercado. Essas musicalidades contemporâneas surgem em contextos específicos, a exemplo do grupo citado, por viver em uma área periférica da megalópole paulistana, o rap, bem como todo movimento hip-hop faz parte do cotidiano dos jovens, desde as poéticas musicais, as gírias, a forma de vestir, a forma dos movimentos corporais, sem deixar para trás, e talvez ressignificando elementos da própria etnia.

A proposta que trago, portanto, é analisar antropologicamente a produção musical indígena contemporânea entendendo-a como repleta de simetrias, perspectivas e dissonâncias. Como a própria luta política indígena atual aparece como componente fundamental nessa nova música indígena. Tenho como elementos essenciais de análise as músicas produzidas pelo grupo, análise bibliográfica de artigos, entrevistas, videoclipes, entre outros.

1.2. Música Indígena

As poéticas verbo-musicais dos povos indígenas sul-americanos, vem recebendo cada vez mais atenção por parte da etnologia das Terras Baixas da América do Sul. Trabalhos como os de Cesarino (2011), Coelho (2003), Espinoza (1991), Montardo (2009), Piedade (2004), Werlang (2001) dentre outros (para uma síntese ver Menezes Bastos 2007), filiam-se a análises já consagradas do que se convencionou denominar “Antropologia da Música” das Terras Baixas Sul-Americanas, tal como discutido por

Menezes Bastos (1978, 1990), ou ainda “Antropologia Musical” ou etnomusicologia, tal a análise de Seeger (1987). O valor estratégico da música, bem como seu rendimento analítico, está relacionado nos casos ameríndios primeiramente ao seu desempenho nos campos do ritual e do xamanismo em quase todos os contextos amazônicos, e em outros casos, a exemplo o livro de Seeger “*Por que cantam os Kisédjê*”, a música se relaciona também a dimensão geográfica da aldeia, e até as estações do ano. Em muitos casos, como entre os Kalapalo como avalia Basso (1985), música e ritual se expressam de forma conjugada, sendo necessária uma abordagem conjunta dos fenômenos. No caso Kamayurá, por exemplo, Menezes Bastos argumenta que a música atua como uma espécie de “sistema pivot” que intermedia, no ritual, os universos das artes verbais (poética e mito), expressões plástico-visuais (grafismo, iconografia, adereços) e coreológicas (dança, teatro) (2007, p. 297). Segundo o autor, “é possível falar de uma generalidade da música na cadeia intersemiótica do ritual nas terras baixas da América do Sul”, cuja ideia de comunicação e/ou tradução é colocada como uma das principais finalidades da performance musical.

Considerando que o rendimento analítico da música nas Terras Baixas Sul-Americanas, está relacionado ao ritual, mitologia, xamanismo dentre outros, como pensá-lo a partir de um cenário de intensa transformação indígena, dentro e fora aldeias no Brasil? Esses sistemas sempre dinâmicos e em um movimento constante de reinvenção e invenção, formam novas redes e novas “convenções” (WAGNER, 2010, p. 22). Este estudo visa compreender o que há “por trás” da música indígena contemporânea pensada e realizada por jovens indígenas na periferia de São Paulo em constante contato com uma diversidade de padrões e de redes interacionais que estão em constante mutação. A maioria dessas novas performances tem como característica marcante trazer a temática indígena, seu cotidiano, suas lutas por terra e contra o preconceito e genocídio, sobretudo e mais importante sob uma perspectiva outra que não é exclusivamente antropológica. Além das plataformas convencionais relacionadas a arte e música, a internet tem se mostrado uma excelente ferramenta de divulgação sem a necessidade da mediação de terceiros, ou onde se tem maior autonomia com os conteúdos vinculados.

A ênfase nos casos sul-americanos é devido ao objeto escolhido, porém, além do contexto etnográfico em si, também está em jogo as potências musical e sonora do

fenômeno. O som é um sentido de extrema importância em nossa vida, nos influenciando nos mais diversos contextos, rituais, cotidianos, políticos, ou até mesmo comerciais, com propagandas e slogans. "Se o som assemelha-se ao espaço, ele reúne igualmente os indivíduos sob sua bandeira. Proferido em comum, ele propicia um sentimento forte de pertença, o de falar uma única voz." (LE BRETON p.133). Dado este cenário encontramos uma diversidade de formações musicais, dos mais diversos estilos, da música instrumental a eletrônica, passando pelos MCs e Djs, da cena hip-hop. No caso do rap indígena encontramos figuras com forte caráter político, expressos tanto no cotidiano desses artistas quanto em suas letras e *beats*. Sendo algumas com CD lançados, assim como Eps, músicas transmitidas pelas rádios on-line via streaming, vídeo clipes e cujas letras versam sobre uma gama de assuntos que são de importância às respectivas populações, como a vida ritual, relações de parentesco, demarcação de terras, cosmologia, entre outros. Um dos movimentos mais recentes e que teve maior repercussão da mídia, por exemplo, foi o vídeo Demarcação já! que se inicia com uma cantora indígena Djuena Tikuna, exemplificando artisticamente e de maneira exemplar como diversos povos estão transformando a música e dando novos sentidos aos espaços da midiáticos.

É importante notar que não só a música, mas também outros componentes a exemplo os adornos corporais, grafismos, instrumentos musicais, culinária, cultura material, e o cinema estão presentes nesse novo cenário, nomes como Takumã Kuikuro, diretor de cinema, e André Baniwa, responsável por levar a cestaria e arte gráfica Baniwa ao mercado, são cada vez mais comuns e existem devido a um novo panorama que se forma. No caso das produções musicais, de maneira ainda preliminar, podemos dizer que os nomes de mais destaque são Oz Guarani, Brô mc's (grupo de rap Guarani Kaiowá do Mato grosso do sul), Banda Sonissini Mavutsni (banda de reggae Xinguano da etnia Yawalapiti no Mato grosso), Kanátyo Pataxó (Educador e cantor da etnia Pataxó em Minas Gerais), e Banda Kaymuan (Banda de estilo Congo capixaba da etnia Tupiniquim no Espírito Santo). Sem falar nas inúmeras bandas de forró, arrocha, e outros ritmos locais e populares na Amazônia (e fora dela), que, apesar de não abordarmos vale ressaltar que se encontram imbricados na realidade, dando forma e força a essas expressões contemporâneas.

Vemos aqui que esses espaços artísticos tem um caráter muito rico e pertinente a antropologia. Para tanto lançarei mão de outras ferramentas analíticas para pensar esse fenômeno como a noção de “cartografias de territórios existenciais reais e/ou em vias de existir”, conceito este retirado da obra de Deleuze e Guattari para pensar a etnografia e o trabalho de Eduardo Viveiros de Castro (2002) para explorar a relação entre etnógrafo e "nativo" como tendo potencialidades reprimidas advindas de uma naturalização e tradicionalização em vias teóricas das experiências etnológicas. Lembrando também trabalhos como de Goldman (2003) e Jeanne Favret-Saada (2005) onde a autora apresenta o conceito de afecção como a principal forma de vivenciar a realidade estudada em sua completude. Bem como David Le Breton (2016) para pensarmos uma etnografia em sua perspectiva sensorial.

Os trabalhos acadêmicos em sua maioria, partem do ponto de vista do pesquisador, suas dúvidas e indagações, mas nos últimos anos, antropólogos perceberam que os interlocutores indígenas têm muito a dizer não só sobre eles, mas também sobre nós, e que tais noções possuem não só a mesma relevância que as nossas epistemologias, mas também um alcance político que até então estava sendo ignorado (BARRETO 2013; KOPENAWA & ALBERT 2015). Esse exercício de deslocamento do ponto de vista busca produzir simetrias e análises menos essencialistas. Por ser uma relação social, o conhecimento antropológico é “efeito das relações que constituem reciprocamente o sujeito que conhece e o sujeito que ele conhece” (VIVEIROS DE CASTRO 2002), em uma espécie de modelo transformacional que produz a profunda experiência do trabalho de campo, imbricando relacionalmente observador e observado. O estudo de bandas indígenas e suas letras e principalmente a conversa com esses artistas, é mais uma forma de alcançarmos e compreendermos esse “cruzamento” (SANTOS & JÚNIOR 2009) de vivências, justamente pelo fato de mesclar elementos da música considerada “não-indígena”, dos chamados “brancos”, aquelas mesmas pessoas que historicamente os oprimem, com suas temáticas e experiências. Desta forma tendo em vista um horizonte que vai além de nossa dívida histórica, devemos sobretudo pensar nos resultados de nossa conduta até agora, e ouvir realmente o que nossos interlocutores têm a nos dizer, suas demandas enquanto etnia com suas especificidades, tarefa essa que nunca fizemos jus.

1.3. Sobre o trabalho

O objetivo geral deste trabalho é mapear os novos usos e formas musicais por parte do caso indígena aqui destacado (Oz guarani) como resultante de mudanças nas relações de contato, entendido como as relações construídas e solidificadas entre indígenas e não-indígenas desde tempos históricos até a atualidade, com diversas transformações culturais ao longo desses anos de interação violenta, como nos lembram autores indígenas da atualidade como Davi Kopenawa. Para tanto, nosso objetivo é selecionar um conjunto de canções e outras formas musicais e poéticas indígenas contemporâneas, através de um corpus etnográfico baseado em conversas, entrevistas e participação direta do cotidiano destes artistas, tendo em vista a discussão sobre conceitos como transformação, mudança de estilo, incorporação e apropriação, dentre outras, são pertinentes e relevantes para pensar essa questão.

O objetivo principal aqui é o de encontrar (ou não) pontos de divergência, similaridades, continuidades e descontinuidades entre a música ocidental e, essa que por hora, chamo de "nova música indígena" e as produções indígenas anteriores. Neste trabalho a ideia de cultura relacionada a música (e portanto, criação musical) se baseia justamente nesse contínuo processo de "invenção" e "contra-invenção" (WAGNER 2010) destas formas musicais e, portanto culturais nesse sentido, cuja criatividade e novas formas devolvem, de alguma maneira, a nossa própria música transformada e espelhada (tal a ideia de Patrice Maniglier apud Viveiros de Castro 2011). "Se nossa cultura é criativa, então as "culturas" que estudamos, assim como outros casos desse fenômeno também tem de sê-lo" (WAGNER 2010), pois toda vez que fazemos com que outros se tornem parte de uma "realidade" que inventamos sozinhos, negando-lhes sua criatividade ao usurpar seu direito de criar, usamos essas pessoas e seu modo de vida e as tornamos subservientes a nós" (WAGNER 2012 p. 46). Se, de acordo com Viveiros de Castro (2002) levarmos às últimas - ou devidas - consequências a aposta que somos todos "antropólogos", e não uns mais antropólogos que os outros (mas apenas cada um a seu modo), isto é, de modos diferentes, lembraremos que os povos que estamos trabalhando também operam com procedimentos conceituais a fim de nos desvendar e se conceituar conseguindo com isso saber sobre nós muitas vezes, mais do que julgamos saber deles, e de nós mesmos.

Dentro desse objetivo de compreender a música produzida atualmente por jovens indígenas pensando-a como produto das relações do contato reside outro correlato, o de entender como os indígenas que a produzem se relacionam tanto com a música “dos brancos” quanto suas próprias formas musicais e poéticas. Como seria essa identificação e seu desembocar musical? Esta nova forma de fazer musical caracterizada por unir componentes étnicos diversos tais como cosmologia, língua, luta por terras, instrumentos musicais, ritmos, tecnologia, sendo os três últimos considerados “ocidentais”, confluem com um entendimento simétrico ou mesmo cruzado da contemporaneidade musical. Sendo assim, ao invés de reproduzir padrões antigos e purificar o que seja indígena ou não-indígena, como a opinião pública - por exemplo - costuma fazer, esse trabalho, assim como os próprios indígenas, entende que elementos oriundos do movimento Hip-Hop se fazem presentes hoje na música do grupo estudado e de outros grupos e MC's indígenas. Tais elementos são característicos de novas formas de se produzir e reproduzir uma estética indígena ou cruzada. Com isso, a discussão do que é ou não é tradicional não faz sentido nesta análise.

Dentro da relação dos indígenas com a música em diferentes contextos e graus, sua relevância no que diz respeito aos instrumentos utilizados e as técnicas, busco investigar junto a esses interlocutores de pesquisa, ideias sobre a poética, ritmos, quem as produz, quando podem ou devem ser produzidas, o teor das letras, e outros aspectos, rastreando, também, as diferentes referências que acabam por se misturar. Pretendemos, portanto, nos aprofundar nesta delicada relação presente nas produções indígenas aqui citadas, e principalmente como ocorre esse “cruzamento” entre estilos musicais considerados ocidentais com letras versando sobre cosmologia, luta por demarcação e reconhecimento de terras, combate ao preconceito, ao genocídio e sobre a vida nas aldeias.

As relações formadas por essas bandas atualmente, sua trajetória até agora, a escolha do estilo musical, identificação, composição das letras, o agrupamento dos indivíduos, como os mesmos aprenderam a tocar os instrumentos (se houver), e a utilizarem dos aportes tecnológicos, suas formas de relação com os espaços de produção e mídia também será tratado aqui, mas não com tanta profundidade. A finalidade da pesquisa como dito anteriormente será encontrar os pontos de intersecção, ressignificação e divergência entre as músicas não-indígenas e indígenas, como pensar

tais músicas como uma nova forma de reação a mudança das relações de contato e sobretudo com o mundo político compreendendo tais transformações como palco de luta.

Como neste trabalho o foco são as músicas e a forma como estão fazendo desta mais um palco de luta, olhar para a mesma com um olhar simétrico e cruzado é inevitável se levarmos em consideração o próprio cruzamento de estilos musicais ocidentais com temáticas indígenas como forma de exercício prático de antropologia cruzada por parte deles. Creio estar em nossas mãos refletir acerca desse movimento e absorver o que tem a nos dizer, sem mais interferências de nossa parte.

1.4 Metodologia

Sendo esta uma pesquisa essencialmente qualitativa para realizar tal trabalho, em primeiro lugar foi necessário a mobilização de uma bibliografia básica, primeiramente sobre etnomusicologia com propósito de compreender o rendimento antropológico da música, e seu uso simbólico. Em seguida, a fim de aprofundar os conhecimentos sobre a etnia em questão, me vali da bibliografia sobre os Guarani, seu território e os fluxos migratórios, o qual percebi serem de extrema importância para entender a complexidade que envolve as questões acerca da demarcação de terras, amplamente abordada pelo grupo de rap estudado. Após este primeiro exercício procurei entrevistas, escritas e em vídeo, as músicas lançadas e videoclipes do grupo em questão, no intuito de montar uma pequena cronologia.

Tratando-se de uma pesquisa antropológica a etnografia é o elemento indispensável, portanto após a leitura da bibliografia expressa acima, realizei uma etnografia no Pico do Jaraguá no intuito de conhecer a aldeia, seu entorno, o cotidiano das famílias que por ali vivem, suas questões de urgência, e principalmente para entrevistar os integrantes do grupo. Além da entrevista, foi escolhido por um dos membros do grupo o trecho de uma letra de forma a exemplificar e elucidar a questão simbólica que envolve essas linguagens poéticas. Para centralizar a abordagem antropológica em torno de meus interlocutores e simultaneamente dar um espaço maior para o grupo de rap em questão além da pesquisa bibliográfica e etnográfica já realizada por outros autores, este segundo capítulo é estruturado principalmente em trechos da entrevista realizada e em declarações do entrevistado.

"O esforço etnográfico e as sínteses produzidas até o momento para pensar os povos da Amazônia (e do continente sul-americano como um todo) nos permitem ir adiante. *Grosso modo*, não só atentando para o que dizem os "intelectuais indígenas" sobre suas teorias, o que já não é pouco, mas, sobretudo, prestar atenção e entender o que eles têm a dizer sobre *nossas* teorias, antropológicas ou não. Isso nos auxiliará – to- mando aqui emprestado as palavras de Geertz (1989, p. 24) – *a ganhar acesso ao mundo conceitual no qual nossos sujeitos vivem, e, assim, possibilitar-nos, no sentido lato, conversar com eles.*" Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2009, v.52 No.1. pp.156

1.5. O Rap no Brasil

Para apresentar o que é o no Brasil, é de suma importância compreender a gênese desse estilo musical. Em Kingston na Jamaica, na década de 1960 começa a surgir bailes públicos, um sistema de som na rua, com o intuito de animar a população que sofria com a crescente miséria e a crise econômica que se arrastava desde a quebra da bolsa de valores em 29, esses bailes após certo tempo se tornam palco de discursos ideológico promovidos por alguns representantes do movimento negro, na época denominados *toasters* e que atualmente conhecemos com MC's, *mestre de cerimônias*, usando de uma fala cantada para comentar sobre o cotidiano das pessoas e a realidade do país. Devido à crise, jovens acabam deixando a Jamaica rumo ao EUA mais precisamente Nova York, em 1967 essas musicais, os *sound system* e os *disc-jóqueis*, se instalam no Bronx promovendo "festas populares sob a forma de movimentos sociais." (RIGHI 2011).

É a partir deste contexto que surge em 1968 outros elementos do movimento hip-hop como *break*, e a pichação mais tarde reconhecida como *grafite*. Apesar da crescente expansão do ritmo e das mudanças sofridas pelo mesmo ao ser colocado em outros contextos sociais, cada qual com sua especificidade esse elemento político que nos é de interesse sempre esteve presente, desde o surgimento do rap, cuja sigla significa, *Rhythm and Poetry*, "ritmo e poesia" em português. É em 1986 que o Rap chega no Brasil, mais precisamente em São Paulo, é nesta época que ocorre os primeiros shows no teatro Mambembe, um dos primeiros a se apresentar foi o Dj Theo Werneck, a partir de

1988 começam a se formar grupos mais conhecidos do Rap nacional, responsáveis por cunhar o mesmo com suas características específicas e conhecidos desde então como Thaíde e Dj Hum em 1987, os Racionais mc's, em 1988, Facção Central em 89, RZO também em 89, Sabotage entrem 88-89, Criolo em 89 começa a participar de batalhas mas só a partir de 2004 começa a gravar, Trilha sonora do gueto em 1999, 509-E em 2000, e assim por diante até os dias atuais.

Uma das características mais marcantes deste estilo musical é a letra sobressair a melodia, e a intencionalidade deste elemento é clara, o que pretendem os rappers e mc's é que a mensagem, ou melhor a *visão* seja passada, de forma clara, fazendo o ouvinte compreender a realidade. Precisamente por seu histórico de atuação política, e pelo peso da língua a carga crítica do rap sobressai a de muitos estilos musicais, bem como seu rendimento político, trazendo a realidade e as questões políticas e sociais vividas pelos jovens da periferia para a música, fazendo dela uma forma de protesto consciente da realidade, e dos problemas que atingem principalmente a população de baixa renda, jovem e periférica. Essa conexão com as periferias também é trazida como herança, Da Jamaica e dos EUA, no primeiro caso por ser a região que mais era afetada pela crise econômica e no segundo pelas características dos EUA nos períodos pós abolição, e do crescimento imobiliário que ocorreu próximo a década de 60. Atualmente existem vários estilos derivados do rap, cada um com sua característica, como o trap, o gangsta rap, sad song, lo fi, dentre outros.

Para compreendermos um pouco mais sobre a carga política, social e simbólica do rap brasileiro atual, trago como exemplo a música do Criolo, Boca de Lobo lançada na plataforma Youtube no dia 30 de setembro deste ano (2018) e a mesma já possui mais de um milhão de visualizações, a letra e neste caso o videoclipe versam sobre a cena política que estamos vivendo no Brasil e as consequências deste caos para as populações periféricas. O videoclipe começa com um prédio pegando fogo, referência a ocupação que pegou fogo e desabou no centro de São Paulo, enquanto é recitada a frase de um poema de Waly Salomão "*Agora, entre meu ser e o ser alheio, a linha de fronteira se rompeu.*" e começa a letra falando do caso de Rafael Braga, homem negro preso em 2013 por portar uma garrafa de pinho sol, sentenciado a onze anos de prisão. O vídeo tem efeitos especiais onde aparecem animais gigantes como ratos, porco, cobra, morcego, tucano destruindo a cidade, evocando símbolos de corrupção e de

determinados partidos políticos. Aparece uma criança machucada em um ambulância, referência a foto da criança Síria que circulou na internet, há uma cena onde mostra um prato com uma bolacha e meio copo de suco em cima de uma carteira escolar, referência aos escândalos da merenda das escolas públicas de São Paulo. Todas estas referências, estão em apenas 1'09" minutos de música, acredito ser esta uma demonstração fiel, do potencial simbólico, político, crítico e social do rap.

Este vasto universo simbólico, tem uma força e um lado extremamente racionais e material. No dia 19 de outubro deste ano na revista *Exame, Vice* entre outras foi noticiado a divulgação de um vídeo, um manifesto lançado por rappers brasileiros, alguns já citados a cima, contra o político de extrema direita, que ascendeu no Brasil durante o processo de eleição presidencial de 2018, Jair Messias Bolsonaro. Este manifesto se põe a favor da democracia e da defesa dos direitos das minorias. Além desta manifestação Mano Brown participou de um comício do Partido dos trabalhadores PT no dia 23 de outubro deste ano, e sua fala mesmo expressando apoio ao candidato, teceu duras críticas às falhas dos governos anteriores. Ambas notícias, e posicionamentos, nos servem de ilustração fiel da intencionalidade e potencialidade política do rap da periferia e para periferia, procurando sempre manter sua crítica fiel a realidade, e permanecendo ao lado das populações periféricas e de baixa renda, de forma a dar voz a essas pessoas.

Capítulo II

2.1 Oz Guarani

A fim de compreender melhor o surgimento de uma poética tão específica quanto a de resistência política através do hip-hop levada a cabo pelos Guarani Mbyá do Pico do Jaraguá acredito ser de grande valia uma pequena introdução a esta etnia. Os Guarani Mbyá são uma fração da família Guarani, do tronco linguístico Tupi-Guarani, que se estende do litoral atlântico ao litoral pacífico, perpassando terras Argentinas, Paraguaias, Bolivianas e Brasileiras. Além desta subdivisão existem ainda outras duas em território Brasileiro os Kayova e Ñandeva (SCHADEN 1954), que atualmente são grafadas de outra forma, respectivamente Kaiowa e Nhandeva. Esses subgrupos são formados de acordo com Schaden por semelhanças na estrutura da língua, históricas e

culturais, sendo estes os elementos que possibilitam o reconhecimento destes grupos como constituintes do macro grupo Guarani.

"Muitos de meus interlocutores, contudo, não estavam familiarizados com esta classificação, já que todos costumam autodesignar-se com expressões pronominais como *nhandeva* ("aqueles que somos nós") ou *nhandekuary* ("nossa gente/coletividade"), não associando "Nhandeva" a apenas um subgrupo." (Macedo 2007 p.513)

No Brasil portanto residem nos estados de São Paulo, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Paraná, Pará e Mato Grosso do Sul contando com uma população total de 85.255 habitantes segundo dados do Mapa Guarani Continental de 2016. Trabalhos recentes apontam que os Guarani mantêm um intenso fluxo de migrações, remontando o século II d.C. (FAUSTO, 2000) até os dias atuais. Unindo essas informações é possível notar que o território tradicional Guarani, é anterior a demarcação de fronteiras pelos processos coloniais tanto Português quanto Espanhol, o que resulta na complexificação dos processos de demarcação territorial atual. A articulação do Conselho Continental da Nação Guarani (CCNAGUA) em 2006 como um movimento concreto de luta política cujas pautas são principalmente a demarcação dos territórios tradicionais e o livre trânsito transfronteiriços dos grupos que constituem a etnia, é uma indicação de complexidade e de lentidão dos processos demarcatórios, de acordo com uma reportagem do Conselho missionário indigenista.

Existem ainda outras questões que, por este ser um estudo sobre um povo indígena sul-americano, são necessárias para a compreensão da questão abordada, são elas a não separação entre os universos que chamamos físico-social e cosmológico, característica das cosmologias ameríndias, e que nos propõe diferente de uma separação entre os universos, uma continuação dos mesmos. As diferenças nas estratégias de resistência, foram traduzidas em poéticas que embaralham uma divisão entre indígenas e os não-indígenas, e seus desdobramentos se expandem intensamente em ambos universos. E ainda a alta taxa de suicídio entre os indígenas

Afim de compreendermos como essas relações estão imbricadas na realidade, e a como surge essa nova forma de discurso, me encontrei com o Mc Xondaro e Mano

Glowers na aldeia onde residem no pico do Jaraguá, propus algumas questões durante a conversa mas optei por deixar o encaminhamento da mesmo a cargo deles. Portanto o material de base deste trabalho será alguns trechos que selecionei dessa entrevista de forma que sintetizassem os pontos principais e que foram enfatizados pelo grupo. Vejamos o trecho de uma entrevista:

"É no início, no começo, é desde mais novo assim eu já escutava bastante algumas músicas de rap né. Mas eu nunca imaginei um dia eu cantando, eu subindo nos palco, então é como eu já gostava dessa estilo musical. Meu amigo também já curtiã então a gente ouvia direto Racionais, Facção Central, Sabotage. Então nós, entre a gente, nós ficava brincando um pouco né. E um certo dia a gente recebeu reintegração de posse na aldeia Então isso foi um motivo. É. Tanto as pessoas mais antigos tanto os jovens eles tiveram preocupação muito grande assim pela... pelo nosso território. Alguns ficaram com medo, outros falaram mais é com força mesmo né. Falava mais de resistência e no meio tava nós né. A gente pensando entre a gente, como a gente vai fazer pra chamar atenção, como a gente vai fazer pra gente falar pra população não indígena escutar nossa voz, então foi aí que saiu o primeiro, a primeira música que foi o "*conflitos do passado*" (Mc Xondaro entrevista concedida a Lais Silvestre Fernandes. São Paulo, 4 novembro 2018. [A entrevista encontra-se transcrita no anexo deste trabalho])

De acordo com a fala acima percebemos que a escolha do rap como estilo musical está intimamente relacionada, por um lado, pelo apreço dos jovens por alguns grupos de rap, e por outro, com a questão da demarcação de terras. Essa pauta é constante devido a inúmeras falhas existentes no processo demarcatório, no caso do Pico do jaraguá apenas 1,7 hectare estão devidamente demarcado. Ainda assim sua demarcação é insuficiente para a manutenção da vida Guarani, pois não engloba a mata que está no entorno, não permitindo a caça e a pesca, além de não comportar as famílias que já residem na aldeia, cerca de 170 como aponta o interlocutor.

Nesta fala é possível ter um vislumbre do caráter diferencial do discurso de resistência indígena. Ao dizer que alguns falam de forma "forte", ocorre uma diferenciação, ou seja, explicita-se uma dessemelhança, o que no caso poderíamos

entender também como uma forma positiva do discurso. Positiva no sentido de que o rap neste caso é utilizado de forma a passar uma mensagem positiva para os jovens indígenas e lideranças, uma mensagem de reforço a necessidade de união entre os "parente" para que desta forma possam se fortalecer mutuamente. O discurso utilizado dentro da aldeia e para os que são reconhecidos como "parentes", indígenas de outras etnias, é um discurso de fortalecimento interno. Portanto não é somente o rap indígena responsável por esse discurso positivo, e sim o desdobramento poético desse discurso, quando se encontra com um jovem indígena que viveu a maior da parte de sua vida em uma aldeia rodeada pela cidade.

O outro ponto onde ocorre essa diferenciação é a forma do discurso empregado com a finalidade de passar uma mensagem dos indígenas aos não-indígenas. Esta por sua vez seria uma mensagem dura, que expressa a urgência pela demarcação, o genocídio e mais incontáveis desdobramentos do período colonial. Podemos entender como um discurso incisivo, oposto a um ideal de exaltar um "bem viver" ou outras formas de convivialidades indígenas. De certa maneira podemos considerar o discurso como "negativo", no sentido que se dirige aos não-indígenas criticando-os, ao mesmo tempo que exaltando a unificação dos povos, e propondo uma luta pela demarcação. Este discurso "negativo" no rap tem como objetivo facilitar o estabelecimento de um diálogo franco e preciso, "pra população não indígena escutar nossa voz", de forma que os não-indígenas sejam capazes de compreender a urgência e a legitimidade da demarcação das terras tradicionais.

A utilização do rap como forma de se fazer ouvir tem seus desdobramentos em meio aos não indígenas, principalmente por ser um estilo difundido mundialmente e com um histórico que denuncia as falhas e faltas cometidas pelo Estado. Esta estratégia é também dessemelhante quando analisamos os desdobramentos da luta empreendida pelos indígenas, primeiramente dentro do estado, através de licitações e processos judiciais, e posteriormente essa tentativa de diálogo com a sociedade civil onde o foco é na denúncia da realidade.

No caso da luta dos Guarani do Pico do Jaraguá vemos as formas de comunicação com não-indígenas ancoradas em dois desdobramentos mútuos imediatos. São eles: 1- formas jurídicas do discurso; e 2- o discurso dirigido a sociedade civil. Uma resistência burocrática, por meio da "papelada" e uma resistência afetiva por meio

do rap buscando informar e, realmente afetar a população que reside próximo às aldeias em busca de apoio e parcerias, que hoje é determinante para a sobrevivência destas etnias. O uso do rap cujas letras versam sobre esta luta, e que possui o objetivo de informar a realidade, de fazer o não-indígena compreender essa questão é um discurso que procura afetar a população civil de forma poética, ainda contando com um estilo específico e sua carga simbólica. O discurso jurídico por sua vez se impõe como uma linguagem necessária, dado o controle do Estado e o fato de ser este o único meio legal de conseguir a demarcação das terras tradicionais.

A música, como um poderoso elemento de atingir as mentes e os corações de diferentes pessoas, permite que diversos sujeitos imbricados nestas relações, apesar de suas dessemelhanças, ao serem afetados por ela, sejam capazes de compreender o outro a sua forma. Aqui também é possível notar uma diferenciação tanto entre os discursos, quanto com os sujeitos da afecção, simultaneamente indígenas e não-indígenas. De acordo com MC Xondaro:

"...e no começo existia preconceito com os próprios parentes das pessoas mais antigas das lideranças, eles falam "Não, num pode porque você..." e o medo deles é que a gente esquecesse quem somos, esquecesse a nossa língua né? Mas a gente sempre busca de uma forma, até nas letra a gente dizia "Não, o rap não é isso, o rap é uma forma de luta, de resistência." E com o passar do tempo, quando, quando foi fechar dois anos, muitas das lideranças eles começaram a entender mesmo. Começaram a ter outra visão do hip-hop indígena. Então eles entenderam, começaram a entender, começaram a apoiar e hoje em dia a gente recebe convite de outras lideranças também pra ir na aldeia deles conversar com os jovens. Então no começo era bem difícil de verdade..."(Mc Xondaro entrevista concedida a Lais Silvestre Fernandes. São Paulo, 4 novembro 2018)

Nesta fala MC Xondaro afirma que ao começar o fazer poético do rap indígena, as lideranças desaprovaram e acreditaram ser esta uma forma de distanciamento da cultura tradicional, por meio do esquecimento da língua Guarani. Entretanto transcorridos dois anos, os mesmos foram “afetados” e compreenderam o rap indígena como uma expressão de luta política e fortalecimento interno. Esta mudança de relação com as lideranças indígenas termina por estimular e reforçar um discurso de apoio ao rap indígena bem como mobiliza-o em sua frente política promovendo a extensão da luta, o discurso de fortalecimento interno por meio de conversas com outros jovens da

própria aldeia e de outras etnias. Faz ressoar a mensagem também para a cidade ao entorno, possibilitando a afeção da população não-indígena.

Contudo não devemos confundir esta questão, com uma "apropriação cultural" conceito ainda controverso. As circunstâncias do que chamei anteriormente de cotidiano, são distintas de um cotidiano que imaginamos ou vivemos. Neste caso cotidiano remete a uma constante aproximação da cidade e de todo contexto urbano das aldeias de forma a menosprezar e postergar a demarcação de terras. Com essa aproximação de contexto e do estado, o universo hip-hop, o rap chega e faz parte do dia-a-dia do jovem indígena.

"Entre o mundo e a língua se estende para cada sociedade uma trama sem costura que leva os homens a viver em um universo sensorial e semiológico diferentes, e, portanto, a habitar universos com traços e fronteiras nitidamente dessemelhantes, embora não se deixem de comunicar." (LE BRETON 2016 pp.30)

De acordo com MC Xondaro:

"...a gente não vê na televisão, a mídia mostrando jovens, é Guarani Kaiwoa de Mato Grosso do Sul sendo mortos por fazendeiros. Eles não mostram a invasão dos fazendeiros nas aldeias não mostra o conflito né? Então algumas partes das nossas letras é bem pesada que fala exatamente isso. Então a gente usa a língua portuguesa pra mandar essa mensagem pra população não indígena. E tem grande parte que a gente faz em guarani, e que é mais pro jovens, que é mais pras mulheres, e pras pessoas mais antigas né? A gente é, tenta, de alguma forma, levantar a pessoa que tá triste. E a pessoa, muitos dos jovens já tiveram depressão nas aldeias, não só aqui como em toda, toda aldeia né então eu também já tive, já passei por isso, então eu consegui vencer isso, eu sou muito grato pelos amigos que eu tinha, eles de alguma forma nunca me deixaram só, sempre acreditaram no meu trabalho, eles diziam eu começava a brincar, escrevia uma letra rimava algumas coisas, as palavras já vinham, você tem que seguir esse caminho mesmo porque a sua palavra tem poder, o seu jeito de falar você conquista as pessoas. Então em todo lugar que eu ia eu notava isso, eu puxava a multidão comigo então exatamente por conta disso eu um dia decidi fazer, me envolver, quer dizer, é cada vez mais fundo nessa luta dos mais antigos né?..." (Mc Xondaro entrevista concedida a Lais Silvestre Fernandes. São Paulo, 4 novembro 2018).

Essa passagem por sua vez expõe um desdobramento nefasto dessa constante e ininterrupta violência. A alta taxa de suicídio entre os jovens indígenas, além de ser três vezes maior que a média nacional, atinge principalmente jovens de 10 a 19 anos. Este fenômeno é recorrente no universo indígena independentemente da etnia. Esse efeito é entendido primeiramente como um desdobramento dos quinhentos e dezoito anos de luta ininterrupta por território, invasões e ordens de despejo, desmatamento da mata que antes era fonte de alimento, morte de parentes e lideranças indígenas doenças e fome. Além de poder ser entendido também como um desdobramento do neo-liberalismo brasileiro, cuja particularidade abarca um discurso autoritário e contra as minorias. O rap neste deste ponto assume ainda outra relação a de ser aporte psicológico aos parentes, fazendo do discurso poético um meio de fortalecimento da coletividade étnica e suporte psicológico para os jovens individualmente, além de os inspirar dar continuidade na luta pela demarcação de terras. Por ter este caráter de fortalecimento configura um discurso realmente positivo.

É necessário ainda fazer mais uma conexão relacional para tornar mais tangível esse universo em rede, precisamente a relação de continuidade entre o que para nós seria o universo espiritual e o universo físico. Em se tratando de cosmologia ameríndias, e como já mencionado anteriormente, estes dois universos são pensados de forma conjunta e contínuas. Eles são em verdade um único universo, imbricados mutuamente. Desta forma o discurso poético, representado pelo rap e o discurso relacionado a luta política são compreendidos como uma extensão da fala de *Nhanderu, demiurgo Guarani*.

"...eu nunca imaginei, tipo, falar as coisas tão pesadas contra eles né? Então com a fé, você se concentrando em si, você se concentrando de coração, é preocupação que você tem pelo seu povo isso acaba. Não é você que tá falando né? É... é *Nhanderú* que tá falando por você, é o nosso deus que ta falando pela gente, então muitas das vezes eu já fui em vários lugares assim, e eu sempre coloco isso pras pessoas né? A gente não pode desanimar, a gente não tem que pensar o pior, a gente já estamos aqui resistindo a quinhentos e dezoito anos e isso não é pouca coisa... e muitos dos nossos parente foram expulsos das suas terras foram escravizados, e somos os que restaram, e a nossa missão não é ter que assustar cada vez mais os nossos parentes... não. A gente tem que passar essa outra visão pra eles se levantarem pra eles reunir junto com a gente, pra gente seguir firme nessa luta porque as coisa nunca foi fácil pra gente né..." (Mc Xondaro entrevista concedida a Lais Silvestre Fernandes. São Paulo, 4 novembro 2018)

2.2 Poética

Nesta parte analisarei brevemente algumas questões relativas à poéticas musicais específicas do rap indígena, a fim compreendê-la como vinda de um universo onde os mundos físico e espiritual são continuidades do mesmo todo. Essa face que chamamos simbólica, aqui não deve ser entendida como o fazemos, sendo algo que a primeira vista escapa à racionalidade ou que está velada. Aqui a poética não se encontra unicamente no universo eclipsado pelo físico. Em verdade a mesma se encontra em todo lugar e em todo discurso, ritmado ou não. Portanto segundo Le Breton "A busca de controle pela produção espalhafatosa de sons ou pela retração sônica engendra prazer e satisfação, ela constitui-se num modo de gestão identitária, um elemento da constituição de si como sujeito." (LE BRETON, pp.155)

O que vemos nas letras escritas pelo grupo em questão é exatamente este universo múltiplo, onde o discurso poético não é somente poético, ele é cosmológico, mítico, político, versa concomitantemente o cotidiano e o extra-cotidiano, a morte e a vida; o fortalecimento e o enfraquecimento. Para demonstrar essa relação, mobilizo uma letra do grupo escrita juntamente com Wera Mc, que reside na mesma TI, respectivamente "*Pemomba Eme*". Existem duas versões disponíveis no youtube, a mais antiga data de 24/10/2017, entretanto é um vídeo confeccionado por uma fã, analisarei a versão publicada no mesmo site em 25/07/2018, cuja letra transcrevo abaixo junto com a tradução que está no video clip.

No site ainda é possível visualizar o mesmo com legendas em português, espanhol e inglês, e possui mais de duas mil e quatrocentas visualizações. A descrição do vídeo contem as informações referentes às cenas do clipe que são trechos de filmagens de protestos, a ocupação e o desligamento de uma torre de sinal televisivo além das falas de lideranças indígenas, que foram feitos em resposta a uma tentativa de des-demarkação da TI do pico do Jaraguá, autorizada por Torquato Jardim, Ministro da justiça na época. Hoje essa vitória faz parte do histórico de lutas do movimento indígena.

Pembovaipa nhande yvy re
 Nhande ka'aguy jareko va'ekue pembovaipa eme Pembovaipa eme..
 Nhande yvy jareko va'ekue
 Pembovaipa eme nhande yvy re
 Nhande ka'aguy jareko va'ekue
 Pembovaipa eme nhande yvy re
 Nhande ka'aguy jareko va'ekue (Wera MC)
 Xamoi opu'ã tarova oupi mbaraka mirim'i Nhande popy jareko xondaro kuery nha'puã
 Jerojy ja xauka mborai nhamonhendu
 Amba wera nharõ m'baraete kunha karai kuery Opu'ã takua'pu omonhendu porã ete
 Aguyjevete pave'i
 Xamoi opu'ã tarova oupi mbaraka mirim'i Nhande popy jareko xondaro kuery nha'puã
 Jerojy ja xauka mborai nhamonhendu
 Amba wera nharõ m'baraete kunha karai kuery Opu'ã takua'pu omonhendu porã ete
 Aguyjevete pave'i (Mirindju Glowers)
 Refrão
 Pembovaipa nhande yvy re
 Nhande ka'aguy jareko va'ekue pembovaipa eme Pembovaipa eme..
 Nhande yvy jareko va'ekue
 Pembovaipa eme nhande yvy re
 Nhande ka'aguy jareko va'ekue
 Pembovaipa eme nhande yvy re
 Nhande ka'aguy jareko va'ekue (Wera Mc)
 Através dessa batida falo da minha vida

Falo da vida dos jovens da perifa

Eu cansei de chorar

As histórias do passado faz eu sangrar

Mais uma criança morreu na madrugada

Cadê a solução pra mortalidade infantil ?

Sou nascido pra lutar

Nunca estarei só

O sol me acordou

Nhanderu me levantou

De novo estou aqui

Passando essa mensagem consciente para os mano

Eu já lembrei de Deus e pra mim tá firmão

No dia de amanhã eu só quero acordar com sorriso no olhar Tentando não
errar mais do que errei

Encara seus problemas com muita fé em Deus
Em 1500 teve a invasão
E até hoje é bomba no meus irmão
Bomba no meus irmão (MC Xondaro)
Refrão:
Pembovaipa nhande yvy re
Nhande ka'aguy jareko va'ekue pembovaipa eme Pembovaipa eme..
Nhande yvy jareko va'ekue
Pembovaipa eme nhande yvy re
Nhande ka'aguy jareko va'ekue
Pembovaipa eme nhande yvy re
Nhande ka'aguy jareko va'ekue (Wera MC)

Tradução:

Vocês destruíram nossa terra
e a nossa mata que tínhamos
Não destruam, não destruam nossa terra
Não destruam nossa terra e a nossa mata
você destruíram nossa terra e a nossa mata que tínhamos
Não destruam, não destruam nossa terra (Wera MC -
(Refrão)

O pajé levanta e faz a sua reza
Vamos pegar o Mbaraká em nossas mãos guerreiros
Vamos levantar e mostrar a nossa dança
Vamos cantar em nosso altar sagrado e fortalecer as mulheres
As anciãs levantam e tocam takuapu
(Repete 1x)

(Fala de Marçal tupã liderança indígena assassinado "... pelo Brasil inteiro vai
levantar ou já levantou índios esclarecidos, levantará sua voz em prol da sua raça.")

Refrão 2x
Através dessa batida falo da minha vida
Falo da vida dos jovens da perifa
Cansei de chorar as histórias do passado faz eu sangrar
Mais uma criança morreu na madrugada

Cadê a solução pra mortalidade infantil ?
Sou nascido pra lutar, Nunca estarei só
O sol me acordou, Nhanderu me levantou
De novo estou aqui Passando essa mensagem consciente para os mano
Eu já lembrei de Deus pode crê eu to firmão
No dia de amanhã eu só quero acordar com sorriso pode acreditar
Tentando não errar mais do que errei
Em 1500 mano teve a invasão
E até hoje é bomba no meus irmão
Em defesa dos direito indígenas Oz guarani chegou
Resistência Pow Pow Pow (MC Xondaro)

(Refrão 1x)

(Fala de David Karai Popygua natural liderança indígena do pico do Jaraguá "...
Esse ministro que vai tirar a gente da nossa terra, vamo luta, vamo luta, vamo luta,
Guarani resiste...")

A letra acima e sua tradução evidenciam a forma com que o discurso poético se diferencia internamente, pelo fato de parte da letra estar em guarani e parte em Português, essa divisão tem como objetivo e função expor a luta por demarcação, o que ocorre com esses processos demarcatórios, além de promover visibilidade e reconhecimento da etnia Guarani. Essa estratégia favorece portanto uma formação *visibilidade guarani* em meio ao movimento Hip-hop e a cultura urbana que cerca as aldeias Guarani a exemplo do que David Le Breton enuncia em seu livro: "Os meios de amplificações sonoras populares e a preços módicos propiciam um poder simbólico, uma revanche sobre o entorno ou sobre o destino, ou participam de uma inscrição identitária no espaço, seja na indiferença ou no desprezo dos outros." (2016 pp.150)

O acionar desta poética como forma de afecção política, tanto frente ao estado quanto a população civil, pode ser entendido como uma forma de contornar as especificidades culturais, as dificuldades judiciais enfrentadas, e todos os desdobramentos que remontam a invasão da coroa portuguesa ao Brasil. Seus desdobramentos portanto seguem através de uma rede relacional o qual se encontram sempre imbricando, formas de afetar uns aos outros.

"Uma perspectiva não é uma representação porque as representações são propriedades do espírito, mas o *ponto de vista está no corpo*. Ser capaz de ocupar o ponto de vista é sem dúvida uma potência da alma, e os não-humanos são sujeitos a medida em que têm (ou são) um espírito; mas a diferença entre os pontos de vista - e um ponto de vista não é senão diferença - não está na alma. Esta, formalmente idêntica através das espécies, só enxerga a mesma coisa em toda parte; a diferença deve então ser dada pela especificidade dos corpos." (VIVEIROS DE CASTRO 2018 pp.65 e 66)

Capítulo III - Conclusão

Longe de ser um assunto sem controvérsias e atualizações, a origem das representações, dos símbolos, de seus desdobramentos e suas finalidades são temas abordados exhaustivamente desde surgimento da ciência social. Durkheim foi o primeiro a pensar sobre a origem dos símbolos na vida ritual, e descobriu que o pensamento coletivo existe como um decalque da vida social, os ritos as datas festivas nada mais são do que reafirmações do funcionamento da sociedade. São as relações e a forma como as mesmas se engendram mutuamente que confere significado a estes símbolos e representações. Como suas significações dependem do social, elas são distintas entre as sociedades e entre os períodos históricos em que acontecem, este trabalho é um esforço de compreensão das especificidades da significação do discurso apresentado pelos jovens indígenas que escolheram o rap como linguagem poética.

A estreita relação do integrantes do grupo Oz guarani com o rap faz surgir uma gama de significações específicas do contexto em que vivem, este rap indígena carrega em si, características específicas do rap enquanto estilo musical, a exemplo de seu rendimento político, a luta pela demarcação, a denúncia da realidade que não é veiculada na mídia. Essa representação de si e de um povo traz os versos em Guarani, na voz de jovens guerreiros. Por mais que tenhamos identificado um discurso positivo e um negativo, a consonância entre eles é o fundamental, é a resistência desses jovens e a forma deles se relacionarem com os universos ao seu entorno que tornar este rap uma poética de resistência.

"O sentido não está contido nas coisas como um tesouro escondido, ele se instaura na relação do homem com elas e no debate travado com os outros por sua definição, na complacência ou não do mundo a alinhar-se nestas categorias. Sentir o mundo é outra maneira de pensá-lo, de transformá-lo de sensível em inteligível. O mundo sensível é a tradução em termos sociais, culturais e pessoais de uma realidade outramente inacessível senão por este subterfúgio de uma percepção sensorial do homem inscrito em uma trama social. Ele se oferece ao homem como uma inesgotável virtualidade se significações e sabores." (Le BRETON, 2016, pp.29)

Um movimento de resistência cuja duração já ultrapassa 518 anos, forma uma representação poético-política que conversa e caminha entre duas cosmologias diferentes tendo significação e uma forma de discurso que contempla a cada um de forma a atender suas especificidades. Ao passo que o discurso positivo dirige aos próprios parentes e jovens da aldeia, levando aos mesmos uma mensagem de fortalecimento e reafirmação, da luta e da cultura Guarani-mbya, o discurso negativo denuncia uma realidade que escapa a muitas pessoas, leva a mídia de forma clara o que ocorre nos processos de demarcação de terras, a questão do suicídio, a mortalidade infantil e o total descaso do estado com a causa, uma luta que perpassa esferas estatais, civis e legais.

Vale ressaltar ainda que os fluxos migratórios também influencia de forma decisiva esta poética de resistência, apesar de atualmente viverem sob as delimitações fronteiriças do estado, os Guarani sempre mantiveram um forte fluxo de migração, a movimentação entre aldeias é intensa, por mais que hoje tenha sido reduzida. No artigo de Valéria Macedo fica evidente a valorização dessa caminhada, de acordo com a autora o fato de os mesmos não se valorizarem esta movimentação também guarda uma relação com a potencialidade afetiva.

"As afecções, efeitos das misturas, não são contudo necessariamente *más*. A vida nesta terra é também composta de *bons encontros*, fortalecendo corpos e relações. Além dos vínculos com os *Nhanderu* e *Nhandexy*, bem como *nhadekuery*, os bons encontros podem incluir a *afinidade potencial* com outros, já que a incorporação de potências animais, de plantas e outros seres, inclusive os brancos, é fundamental para a vida nesta terra, investindo os corpos de capacidades e podendo aumentar sua força de existir. ." (MACEDO, 2017)

Apesar de área ter sido demarcada em 1987, com 1,7 hectare essa decisão é questionada e revisada pelo governo constantemente. Desde a reintegração de posse que uniu grupo de rap em 2015 até hoje, são sete músicas produzidas e lançadas, segundo Mc Xondaro parcerias são aguardadas para produzir e lançar mais músicas, sendo que dois projeto estão em curso. Todas as músicas se encontram na plataforma, YouTube do grupo.

"Salve salve Xondaro Mc jamais vou esquecer da minha cultura da minha raiz pobre índio sou feliz sempre que eu quis o rap me ajudo aqui nessa aldeia nois tem nosso valor não queria aceitar mas eu digo pra vocês sofrimento a cada dez metro no relento na garoa índio só lamento e não à toa barraco de madeira no meio da cidade na selva de pedra onde impera a maldade aqui é sem massage aqui o papo é reto não olha torto branco índio não é correto as lei eles que faz olha pra nois jamais nois só queremos paz um pedacinho de terra pra nois tá bom demais."

Anexos - Transcrição da entrevista

Roteiro de entrevista:

- 1- Quando vocês (os componentes do grupo) se conheceram?
- 2- Quando ocorreu a ideia de integrarem um grupo de Rap?
- 3- Porque o rap?
- 4- Quando foi o primeiro contato de vocês com o gênero em questão?
- 5- Quais as referências musicais?
- 6- Como foi para as lideranças da aldeia quando vocês começaram a fazer rap?
- 7- Atualmente qual a relação de vocês com essas lideranças?
- 8- Como vocês fazem as produções e gravações?
- 9- Dado o atual cenário político, o que farão?

Transcrição da entrevista - 04/10/2018

"É no início, no começo é, é desde desde mais novo assim eu já escutava bastante né algumas músicas de rap né, mas eu nunca imaginei um dia eu cantando, eu subindo nos palco né então é como eu já gostava dessa estilo musical, meu amigo também já curtia então a gente ouvia direto racionais é, facção central, sabotage, então nois entre a gente nois ficava brincando um pouco né e um certo dia é a gente recebeu reintegração de posse na aldeia né, então isso foi um motivo é, é tanto as pessoas mais antigos tanto os jovens eles tiveram preocupação muito grande assim né pela, pelo nosso território, alguns ficaram com medo outros falaram mais é com força mesmo né falava mais de resistência e no meio tava nois né, a gente pensando entre a gente como a gente vai fazer pra chamar atenção como a gente vai fazer pra gente falar pros, pra população não indígena escutar nossa voz, então foi aí que saiu o primeiro, a primeira música que foi o "*conflitos do passado*" né então é depois dessa primeira música é a gente recebeu convite pra fazer apresentações nas escolas é, nos SESC's assim, e, e no começo existia preconceito com os próprios parentes das pessoas mais antigas das liderança, eles falam "Não, num num pode porque você..." a o medo deles é que a gente esquecesse quem somos, esquecesse a nossa língua, né mas a gente sempre busco de uma forma até nas letra a gente dizia "Não, o rap não é isso, o rap é uma forma de luta, de resistência." E com o passar do tempo, quando, quando foi fechar dois anos, muitos das liderança eles começaram a entedê mesmo começaram a te outra visão pelo hip-hop indígena né então eles entenderam, começaram a entender, começaram a apoia e hoje em dia a gente recebe convite de outras lideranças também pra ir na aldeia deles conversar com os jovens então é no começo era bem difícil de verdade, porque apesar que muitos lá fora já julgava, já falava da gente que o rap não era pra gente que o rap não tinha nada havê com a causa indígena a gente escutava isso nas ruas né então é mas, mas, dentro da gente a gente tinha certeza, a gente escolheu esse caminho e e hum, e isso não saiu da gente, então meio que o rap que resgatô a gente né a gente nunca imaginou um dia a gente cantando um rap é, hum, então é hoje em dia nas aldeias não só essa como a maioria das aldeias nos lugar que a gente vai eles conhecê o nosso trabalho, as crianças principalmente é admira muito, gosta muito e isso pra gente é muito motivação né então a gente daqui pra frente é com certeza a gente vai continuar seguindo nessa, nessa, nessa nessa, nesse caminho né então de alguma forma um parcêro vem com uma letra nova e um outro amigo chega dano uma outra ideia a gente pensando todo mundo junto a gente envolve

os mais antigos os jovens é mulheres indígenas mulheres lideranças então a nossa música o nosso protesto o nosso manifesto não é só por nós né a gente sabe as comunidades que a gente estamos representando né e que nem eu tinha comentado um pouco da mídia, é a gente num vê na televisão é um é a mídia mostrando jovens é Guarani Kaiwoa de Mato Grosso do Sul sendo é sendo mortos por fazendeiros, é, eles não mostram a invasão dos fazendeiros nas aldeias não mostra o conflito né então algumas partes das nossas letras é bem pesada que fala exatamente isso então a gente usa a língua portuguesa pra mandar essa mensagem pro, pra população não indígena e tem grande parte que a gente faz em guaraní e que é mais pro jovens que é mais pras mulheres e pras pessoas mais antigas né a gente é, tenta de alguma forma levantar a pessoa que tá triste e a pessoa que muitas dos jovens é eles já tiveram depressão nas aldeias não só aqui como em toda, toda aldeia né então eu também já tive, já passei por isso, então eu consegui vencer isso eu, eu sou muito grato né pelos amigos que eu tinha eles de alguma forma nunca me deixaram só sempre acreditaram no meu trabalho eles diziam eu começava a brincar, escrevia uma letra rimava algumas coisas, as palavras já vinham é você tem que seguir esse caminho mesmo porque é a, a sua palavra tem poder, o seu jeito de falar você conquista as pessoas né então em todo lugar que eu ia eu notava isso né eu puxava a multidão comigo então exatamente por conta disso eu um dia decidi fazer me envolvê quem dizê e é cada vez mais fundo nessa luta dos mais antigos né então eu conheço a história do meu avô de quantos anos ele lutou pela demarcação de terras eu também como jovem eu praticamente cresci aqui eu vim pra cá com três quatro anos então, hum eu, eu, já vi é tantas dificuldades que a gente conseguiu é derrubar né tantos obstáculos que a gente conseguiu superar, então hoje é, até hoje essa terra não é totalmente demarcada a gente tá na luta na justiça brigando e a gente acredita a gente tem muita esperança daqui a oito, dez anos o tempo que passou é a gente acredita que mais na frente a gente vai conseguir trazer a demarcação de terra pro nossos jovens né porque vocês notaram aqui a gente tem muito pouco espaço essa é a menor aldeia que existe no Brasil que até hoje não é demarcada então é antigamente é a gente lutava usando é arco e flecha a gente lutava com nossas é, com nosso modo de resistência mesmo, hoje em dia na cidade urbana a gente luta pelo mesmo objetivo pela sobrevivência mas hoje a nossa luta é na justiça é com pá, é no pa, é na papelada que a gente luta é então é então é acho que primeiramente como jovem liderança a minha preocupação maior é, é essa nova geração né é eles tem que desde

cedo tê esse contato com a cultura não indígena e também ao mesmo tempo sabê é, a, sempre tá praticando a nossa cultura também né aqui na aldeia num tem quase ninguém que fala em português é a gente tem a nossa língua é a gente tem o nosso modo de vida nosso modo de viver que a gente chama *ñande reko*, então hum, desde crianças eu aprendi a tê respeito pelas pessoas mais antigas né, meu avô sempre me ensino a respeitá, te respeito um com o outro então acho que por conta disso eu agora to com dezenove anos né mais eu tenho muitas outras pessoas, muitos mais experientes do que eu, que eles se espelham em mim e eu me espelho neles, então é unindo é essa é a gente se unindo entre a gente, a gente se fortalece né a gente vai está preparado pra pra quando o pior vir né então é o ano passado a gente teve luta bem grande né é a gente recebeu várias ameaças, recebemos reintegração de posse mas em nenhum momento a gente chegou a ponto de desanima né a gente sempre busco positividade na nossa luta então a gente ocupo o pico do jaraguá né é que a torre mais alta de são paulo isso acabou chamando bastante atenção a gente fecho rodovia dos banderantes fomos pra Brasília fomos pra paulista então essa luta nunca tem que pará né essa luta tem que continuar porque se eu não luta pelo meu povo, se a gente não luta por nois, se a gente não luta pela nossa sobrevivência nenhum *jurua* lá de fora vai vim pra fala pra gente "Não podem fica tranquilo que eu vô luta por vocês, eu vo garanti." isso nunca aconteceu e nunca vai acontece então os liderança é estão se preparando nas aldeias ensinando os jovens como que a gente tem que é qual caminho a gente tem que é segui... pra gente se mante firme né eu já perdi muito dos amigos né... de crianças é então a luta é que é constante né é então muitas das vez é eu fico triste de pensa como como que aconteceu tudo isso né da gente perdê tudo isso né e hoje um pedacin de terra que sobrou eles nun quê demarca pra gente até hoje né então depois de mim vai vim minha filha é depois da minha filha vai vim meus netos então a luta nunca vai para disso a gente tem certeza né então é o nosso foco maior é pela demarcação de terra né porque a gente sabe que sem demarcação a gente nun tem proteção da mata da natureza dos rios antigamente quando eu vim pra cá tinha cinco anos tinha um riozinho aqui em baixo que a gente pescava... é tinha é... mais mata que a gente podia caça hoje em dia a gente nun pode mais fazê isso eu vô lá olha o rio, o rio tá todo poluído já quase nun é nun dá pá passá ali perto por causa do chero né então as coisa mudaram bastante é... mas nem por isso a gente chega o ponto de desanimá né acho que o rap é uma dá ... é uma das coisa que também me fortalece né

porque uma coisa que eu sempre gostei e que eu gosto de fazê e ao mesmo tempo eu sei quem tô representano porque eu to falano por quem é então é o primeiro grupo de rap que surgiu aqui em São Paulo foi a nossa né depois do Brô mc's então a gente já teve essa oportunidade de canta com eles eles fazem convite pra gente i na aldeia deles é a gente já fez varios encontros de hip-hop aqui dentro da aldeia também é então meio que com parceria assim de outros artistas também a gente acaba chamando atenção e... e... cada vez mais unindo né as comunidades com a comunidade indígena também envolveno cada vez mais.

É normalmente é a gente não... não mistura muito né isso é dependeno do lugar dependeno das pessoas que estão presente é a gente respeita muito esse lado também né então quando a gente entra pra casa de reza a gente fica focado em ouvir aprende mesmo com eles e... e...é a gente tem aqui dentro da casa de reza a gente tem essa e... possibilidade de fala também e... e... as nossas ideias coloca é o que a gente acha como qual a forma da gente pensa e... e... então muito das coisa é resolvido é pela comunidade né então é aqui na na na casa de reza mesmo é toda noite tem algumas pessoas mais antigas que eles conversam com a gente realmente e isso é muito importante porque a gente nunca pode esquece dos nossos parentes que... que já partiram da luta né então a gente conhece as trajetórias que né o sofrimento que eles passaram é as dificuldades que eles enfrentaram então a gente a gente tá acostumado a ouvi isso né então quando a gente vai pra luta muitas das vezes a gente já não fala mais a gente já não passa mais as informações erradas as coisas negativa pro jovens né a gente sabe pra que que qui a gente ta indo né a gente sabe qual o objetivo né então a gente sabe o que vem pela frente também a gente vai passar fome nun vai te lugar pa durmi mas a gente nun fica falando essas coisa pro jovens né por que eles já sabem então é mais da comunidade é mais das pessoas assim das pessoas mais antiga dos jovens a gente sempre procura passa as informações mais positiva pro jovens a gente fala "Bom vamo todo mundo se uni vamo se levanta proteje as crianças de alguma forma se fortalece fortalece o nosso *xamõi* que é o pajé as *xaryi* que são as mais antigas as mulheres né da...da... da aldeia é dá proteção a elas... então é o jovem... o jovem ele é o e o... os indígena ele é considerado adulto a partir dos dezesseis anos né então a partir dos dezesseis anos ele já pode construi uma familia é antigamente era bem mais cedo né e hoje como a gente tá na tá do lado da cidade praticamente as coisas também começaram a muda né e... hum...

muitas das vezes nas entrevista eles perguntam né se eu so indígena mesmo porque eu moro ná cidade eles falam "Mas você mora do lado da cidade, mora na cidade, você é indígena mesmo?" então simplesmente a gente olha pá pessoa e fala a gente pensa né a gente... nois indígena a gente pensa né... é verdade eu não estaria aqui se a cidade não invadissem as nossas terras né a gente não entro na cidade a gente não construiu a aldeia do lado da cidade é que a cidade foi crescendo foi diminuindo as terras tradicionais né então hum... é hoje em dia antigamente os pessoas as pessoas mais antiga era bem difícil deles confiarem nas pessoas não-indígenas né era difícil das pessoas não indígenas terem acesso as aldeias tudo e hoje... hoje é hum... mudaram as coisas né hoje a gente recebe visitas né e a gente tem muitos apoiadores né a gente muitas pessoas que apoiam a luta né então (galo cantando ao fundo) isso também acaba fortalecendo porque só a gente a gente não iria ter tanto conhecimento né e através dos parceria a gente acaba descobrindo coisas novas no dia-a-dia né e isso a gente usa como forma de luta né... nosso povo.

É as gravada mesmo tem seis sete né mas fora outros que a gente tem as novas né que a gente por conta da... e... desses movimentos que tá tão tendo nas aldeias não só aqui é também alguns problemas entre nós mesmo a gente não conseguiu grava elas ainda né mas a gente tem essa vontade e as letra a gente nunca para a gente sempre tá escrevendo assim então eu mesmo... eu... eu.. fico sozinho lá em casa veno os pessoal joga bola eu escuto uma musica ai sai aquela frase do nada e você já quando vai pega o caderninho quando vai escrever já sai mais do que você imaginava né então hum... é a gente tem várias coisas novas e a gente pretende também é valoriza mais a nossa língua própria né pro... nois pra passa essa positividade pro jovem e tal e sem deixar da população não indígena né sem esquecer deles também porque tem muitos que... que... que praticamente eles se sentem indígena né então a gente percebeu isso também hoje nas aldeias tem algumas algumas pessoas de fora que eles acreditam muito né é... é... eles têm a mesma fé que a gente tem pelo *Nhanduru* então é a gente nun somos ninguém pra julgar né qui é a gente nun é ninguém pra falar "A você não pode porque você é isso." então a gente nunca aprendeu isso a gente nun tem esse costume a gente aprendeu de uma forma diferente desde... desde criança né independente de ele se indígena ou não preto branco não importante é a pessoa ter respeito né cum... com seu povo com a sua cultura então da mesma forma que a gente trata as pessoas não indígena a gente também quer ser tratado da mesma forma né...hoje... hoje... hoje a gente tem vários parceiros assim

de fora muitos amigos que vem na aldeia então normalmente esses fim de semana é... é o que é os dias que a gente mais recebe as pessoas de fora né é principalmente as pessoas que vem pra conhecer o grupo que vem é... pra tentá sabé como surgiu é como nasceu o grupo de rap indígena e tal mas é a gente sempre falava pra gente mesmo né é pra algumas pessoas é novidade mais é... se a gente tá nesse caminho e agente nunca penso em fazê isso com certeza é porque a gente tem uma missão nisso né a gente nun chegou aqui por acaso e... as dificuldade quando criança era muito grande eu perdi meu pai quando eu tinha bem antes de eu nascê quando eu tava com oito meis ele também perdeu o pai dele cedo também então as coisa de nois é as coisas... mais pessoais a gente tem muitas coisas que é a mesma entre a gente por exemplo ele (se referindo ao Mano Glowery, que também estava presente, mas estava cuidando de seu filho Diego) já chegou ao ponto de desani desanimar mesmo eu também então as coisa que a gente compartilha um com outro acaba fortaleceno muitas das vezes a gente já ficou triste olhando um pro outro "Vamo larga tudo, jogá tudo alto e vamo embora." e daqui a pouco a gente mesmo falando depois de tudo isso a gente olha um pro outro denovo "ai chega ai " já da aquele abraço e vamo continua porque isso então acho que os amigos principalmente é... é... tudo que eu sou tudo que eu aprendi toda sabedoria a força que eu tenho dentro de mim hoje eu tenho que agradecê bastante a *Nhanderu* e os meus amigos... é... o momento mais complicado ness nessa é... que eu passei assim depois que eu me envolvi com o hip-hop foi quan... foi... quando perdi um amigo né que ele tinha quatorze anos ele tinha depressão e ele sempre conversava comigo ele sempre falava que ele num aguentava mais... ai eu fala "não não tem que se assim." e ele sempre falava... ele via... ele via... todas as coisas era motivo de tristeza pra ele... é essa nossa luta ele falava "Pra se sincero eu nun sei mais eu vejo tanta muitas vezes eu já vi meu pai sendo... sendo agredido ná rua... minha mãe sendo xingada na rua eles não respeitam a gente eles nun que ve a gente bem eu nun consigo mais permanecê" ele sempre falava e nem sei se um dia a gente vai consegui mesmo demarcação de terra pro nosso povo né a gente sabe que depressão é uma doença... maldita né então com isso tudo é a gente vendo no dia-a-dia o que ta acontecendo com os parente lá em Mato Grosso o que ta acontecendo em uma outra aldeia o que que acontec... todas as coisas ele...quando ele sabia ele chorava assim simplesmente chorava mas sempre tentava falá pra mim e o sonho dele era cantá rap comigo ele sempre falava "Eu vô escrevê uma letra de rap e eu

vô canta com você nem que fô uma música eu vô cantá cum você." ele sempre falava um certo dia a gente teve um show lá no Rio de Janeiro e ai a gente saiu daqui foi na sexta-feira no sábado de manhã... no sábado de manhã tipo umas onze hora eu recebo ligação no celular... recebeno a noticia que ele tinha suicidado e quando... quando falaram isso pra mim eu tava prestes já a subi no palco ainda e... quase nun cantei eu simplesmente cheguei e só conversei mais com o pessoal... eu fiquei chorando as pessoal subiram no palco me abraçano é quando eu dei essa notícia e... simplesmente quando voltei nun pensei mais em nada unica coisa que eu queria era também larga tudo deixa realmente as coisas aqui... é... até eu quase desanimei né eu pensava ah talvez ele tá certo talvez a gente não consiga mesmo talvez a gente nunca vai consegui permanece até eu senti isso né... mais durante os dias passando eu sempre tive o mesmo sonho que...que eu se... que eu tava na lama né e... uma criança um jovem ele não mostrava a cara e ele sempre tentava me levantá de alguma forma da lama que eu tava caído então com isso eu guardei isso pra mim durante os dias né eu falei com... pro meu avô né... eu co... eu falei pra ele... então ele perguntô é se eu tinha um... algo bem forte... com alguém que já né que já partiu ai eu comentei ai na hora meu avô ele já sabia de tudo porque isso né então eu aprendi com meu avô com várias outras crianças que ele... se não fosse... se ele não fizesse tudo isso que ele fez com ele mesmo eu não... eu não ia me fortalecê eu num ia chega onde eu cheguei agora então ele abriu as portas pra mim... ele que... ele de alguma forma ele tá olhando pra mim ele tá torcendo pelo grupo e quando a gente começa quando eu penso é algumas coisa tipo ah nun quero mais não quero mais continua num sei o que eu já... eu já unica coisa que entra na minha cabeça é ele então todo show que a gente vai a gente fala o nome dele a gente e... lembra dele e isso acaba é fazendo que a gente sente ele... a gente sente que ele tá no meio da gente né então e quando ele... depois disso algumas crianças irmão deles trouxeram uma carta que foi escrito por ele escrevendo "Meu sonho é cantá rap (não sei o que) com eles com o grupo" e em baixo tinha alguma... é uma letra de musica que ele tinha escrevido sobre a gente que falava meu nome o nome dele (novamente se referindo ao Mano Glowlers) falava é de como ia... ia se importante essa voz nossa dos jovens e acho que isso quando eu vi tudo aquilo eu falei... é realmente ele não vai quere me vê triste ele nun vai quere me ve caído na lama né então de alguma forma eu vo me lenta vo me fortalecê e eu vo... eu vo um dia com certeza me encontra com ele novamente né então é até chegá esse

momento eu vô sempre tenta é... continua na luta com meu povo porque... eu acredito que um dia vai melhorar as coisa por que já... já melhoraram em algumas parte em outras parte ficaram pior até mais a gente nunca perde a esperança de um dia a gente... consegui demarcação e terra né

Não video nas aldeia... não... eu conheço alguns jovens qui fazem parte mais é... é mais por parceria mesmo isso né... como a gente depois que o... grupo foi... a gente crio uma página no facebook a partir dai os pessoal começaram a tê mais conhecimento é mais interesse também pelo grupo então a gente acabou conhecendo outros artistas RZO o algumas é o os pessoal do Racionais também então muitas pessoas qui qui são envolvido com o hip-hop né a gente teve esse contato bem forte mesmo então junto com eles também a gente conseguiu fazer varios varios é...é eventos né tanto na aldeia tanto como fora da aldeia então acho que isso foi chamando bastante atenção em cada lugar que a gente ia a gente via uns Dj's skatistas graffiteros e os pessoal foram se envolvendo com a gente como a gente pode fazer pra fortalecer como que a gente... qual é o caminho que a gente tem pra tá a caminhando junto com vocês tudo né então a gente e trouxe esse pessoal a gente apresento a nossa aldeia a nossa luta qual qual a dificuldade é que a gente enfrenta mais pesado né no momento então é essas casas que tem graffites foram os graffiteros que fizeram durante um evento que tava rolando aqui na aldeia então eles vieram vieram bastante skatistas ensinaram as criança anda de skate algumas crianças até ganharam skates eles aprenderam a fazê grafite essas coisa tudo né então isso também é... acho que esse... pouca das coisas que a gente fez dentro da aldeia é pras muitas pessoas que... outros parente que tão vino de outras aldeia pra eles é uma coisa nova... uma novidade "nossa eles tem as casas com pinturas indígenas tradicionais porque a gente nunca fez isso né porque a gente não..." né então essa essa essa ideia surgiu daqui agora tem outras varias aldeias que eles pensam da mesma forma né tem uma música do RZO que fala "Um grafite na parede já defende algum direito" né então é... exatamente isso a gente é no começo a ideia era pintá toda essa esse muro né é... com frases com pinturas com as foto das crianças nessa rua só que essa merda do Dória não deixou (risadas ao fundo) e ai a gente tsck meio que fez dentro da aldeia só né... mas é muito legal eu confesso que aprendi muitas coisas eu nem imaginava dai certas coisa eu achava muito dificil eu achava nunca conseguia algumas coisa é alguns lugar que eu queria conhecê eu achei que eu nunca ia conhecê acho que o rap abriu é... várias portas assim

pra gente hoje a gente tem várias perceras é... muitos dos indígenas tão se formando pra se cineasta e tudo então isso acaba também é... eles é... a nossa luta faz a gente se uni cada vez mais hoje a gente recebe convite du de varias outros é... indígenas de outas aldeias também é nesse dia doze passado de Outubro é a gente recebeu convite do Brô Mc's né pra ir na aldeia deles pa conhece a aldeia Bororó e Jaguapiru e eu tava com um problema de comunicação né então nun tava aqui em são paulo então eu acabei não vendo essa mensagem eu fiquei muito triste que eu cheguei aqui eu fui vê eles fizeram até um videozinho mandaram um áudio eles pediram pra mim tá fazendo a mesma coisa e eu num eu não fiz nada disso eu fiquei muito tritse depois mais é... a gente tá ná espera ai de um novo convite ai i... i começa a caminha né a gente já tá caminhando é importante agora é ir até o final resisiti até que é... que as pessoas que não sabem que não conhece a nossa cultura que eles tem na cabeça que eles é quando escuta nossa música que eles simplesmente eles que não julgam né que eles tentam de alguma forma entendê tê outra visão a visão do *mbuya* a visão que a gente tem então eles eles tem que entendê que a causa indígena que a luta dos povos originários não é apenas nossa é deles também é a luta deles também.

Eu: É uma coisa que eu queria saber é assim comé que é esse negócio de, da música é tipo, não necessariamente do rap mas da música mesmo tipo música pra ritual ces é como vocês aprendem e tudo...

Jeferson: então

Eu: se vocês misturam as músicas tradicionais que vocês conhecem com as letras de rap e tudo mais...

Jeferson: Não... é essas músicas que a gente usa como forma de reza são as músicas mais sagradas né são muito sagradas então a gente não só o jovem pode se até a pessoas mais antiga ele não tem a forma certa de explicá né então a u... o jovem a criança ele é desde pequeno ele... ele... ele tem dentro de si um contato muito forte assim que é a fé dele né é... é acaba é ensinando muito ele então... é algumas indígenas você percebe eles são mais quetos eles não falam muito essas pessoas é no dia-a-dia eles estão na casa de reza né tipo se concentranó não só por eles mais pelos pelo todo assim pelos jovens pelas crianças então é essa pessoa acaba é entrando em contato bem forte assim com *Nhanderú* né então é essas músicas elas falam bastante de de não desanimá e a importância da gente lembra sempre da... da casa de reza e das pessoas mais antigas que

a gente a gente tem várias histórias né que é contada por mais antigos da aldeia de muitos parente que infelizmente chegaram... é faleceram ná luta lutando mesmo então é as músicas muitas delas falam mais disso né... dos... do... é a mensgem mais positiva que tem mas nun... nun tem a forma certa de de explicá mais é é uma musica sagrada de reza mesmo e essas musicas que forlatace também a nois.

Eu: Sim... e ai não mistura com as letras.

Jeferson: Não não mistura não mistura

Eu: Tá é... agora com essa questão política com esses novos governos e tudo cês tão pensando em algumas forma de resistência já

Jeferson: É a gente sabe que em relação a isso é... a gente nunca nunca a gente fomos ou ficamos despreparados né então pra esse ano que tá terminando os lideranças os jovens a gente faz sempre esse encontro dos jovens encontro dos liderança encontro das mulheres então a gente acaba discutindo a questão das aldeias quais são os problemas qui qui estão mais afetando as aldeias qual é a a dificuldade maior da de cada aldeia... é... bom... o nosso plano é... é... é sai mesmo mostra a cara é se reuni não só os Guaraní é... a... somos parentes indepe independente das etnias a gente é uma família então a gente tem esse contato toda aldeia né então por exeplo ah no li no Vale do Ribeiro a aldeia recebeu reintegração de posse então eles já entra logo em contato com as comunidade todas as comunidade a gente se reúne a gente vai todo mundo pra lá então essa é uma forma maior da gente se permanece dentro das aldeias tanto aqui a gente tem é... comuni comunicação com toda aldeia então a gente tá preparado e... muito dos jovens é a gente ouvindo eles a gente até é se sente é com mais força porque eles em nenhum momento o jovem ele levanta pra fala "Ah eu to com medo eu nu vô mais continuar" a gente não escuta isso sempre sempre é coisa positiva que vem deles é "vamo se preparar vamo se pintá vamo fazê a dança vamo reza vamo sai pra lutar mesmo vamo mostra nossa resistência vamo fortalecê os liderança vamo..." os liderança fala "vamo fortalece o jovem" então um fortalece o outro então e esses encontros que encontro das aldeias é o principal encontro é qui mais reúne assim as aldeias que vem praticamente toda aldeia então esse encontro dura em torno de quinze dias dez dias então são varias coisas é que é discutido né e algumas estratégias também né então é... em relação a isso a gente tem as pessoas o Davi (referencia a principal liderança, que também é professor da escola especial que existe dentro da aldeia e o qual tive a oportunidade de conhecer através do

estágio feito em curso.) é uma das pessoas que ficam mais na frente ele toma as decisões é pode se em cima da hora ou não né a gente tá preparado eu já fui cinco vezes lá em Brasília né... é... acampano é... na na manifestação então eu a gente sabe dos perigos né e agora ainda mais com esse presidente novo que foi eleito é a gente sabe qual o que ele que dos povos indígenas qual os planos deles então é algumas algumas mulheres se diz é ter... um pouco com medo assim... mais é... a gente pra gente não é nenhuma novidade acho que todo presidente que entro sempre foi contra né e a gente sempre acho uma forma de resistir e acho que principalmente é a nossa fé a nossa fé é o que é o que dá dá forças pra gente que na hora de falar também eu mesmo quando mais novo eu nem imaginava é... é... fala em frente frente do... é das pessoas mais assim que se diz importante na política é eu nunca imaginei tipo fala as coisas tão pesadas contra eles né então com a fé você se concentrando em si você se concentrano de coração é preocupação que você tem pelo seu povo isso acaba não é você que tá falando né... é *Nhanderú* que tá falando por você é o nosso deus que tá falando pela gente então muitas das vezes eu eu já fui em vários lugares assim e eu sempre coloco isso pras pessoas né a gente não pode desanimar a gente não tem que pensar o pior a gente já estamos aqui resistindo a quinhentos e dezoito anos e isso não é pouca coisa... é muitos dos nossos parentes foram expulsos das suas terras foram escravizados e somos os que restaram e a nossa missão não é te que assustar cada vez mais os nossos parentes... não a gente tem que passar essa outra visão pra eles se levantarem pra eles reuni junto com a gente pra gente seguir firme nessa luta porque é as coisas nunca foi fácil pra gente né eu como indígena várias vezes eu já fui desrespeitado eu já estudei em uma escola fora da aldeia eu sofri ameaças por ser indígena muitos muitos é falavam é por não gostar mesmo assim né porque já porque muitas das vezes a escola ensina é... os alunos como se o índio fosse selvagem "Ah os índios andam no mato tudo pelado..." então eles acham que é isso que a gente não é índio porque a gente tá com roupa porque a gente tá com tênis né então mais isso... a realidade é bem outra né hoje em dia a gente já... tenta andar pelado na rua pá você vê você vai preso na hora então eles eles... exigem que a gente é que voltem no passado mas eles esquecem que a realidade é outra.

Eu: É... e quando vocês estão fazendo show e tudo... aqui na aldeia tem outros Mc's?

Jeferson: É antigamente existia um grupo um outro grupo de rap que é foi antes da gente também o... é... ih... nesse grupo existia o Tiago e o Tuca né o Tiago é o Tupi e o Tuca

também então era os dois tupi-guarani que fazia o rap mais é... depois que esse Tiago faleceu o irmão dele se enfraqueceu também espiritualmente né... ele entrou em depressão e ele não conseguiu é... continuar né por causa do irmão porque eles tinham ligação muito forte todas as coisas que eles faziam era tudo junto a gente a gente via os dois nunca se separava né era uns irmãos assim e depois que ele chegou a falecer é esse mano também começou a ficar fraco mais a gente eu e ele de vez em quando quando a gente tromba ele a gente sempre tá passando as coisas positivas pra ele a gente faz convite ou vamos cola junto canta com nós também e ele, e ele é... até chora na nossa frente "Vocês dois vocês dois continuaram o rap é se não fosse vocês não ia ter mais ninguém e esse era o nosso sonho meu sonho e do meu irmão então a gente meio que começou e você estão até hoje continuando." ele abraça a gente ele conversa com a gente e... eu também tô na busca aí de novo encontro ele e segura ele pra gente começa fazer um trampo novo e ele é um mestre ele não tem papo furado não você sente você conversa com ele ele já até na conversa ele já "tana tnsntna"(onomatopeia para rima) e já começa já falava já rimava umas coisas e ele é gente boa demais eu... eu sempre falei pra ele que ele tinha esse talento e... ele só precisa de alguém é precisa voltar a confiar em si mesmo precisa se abrir pras pessoas pras pessoas ajudarem ele né eu sempre falei isso pra ele mas é... é complicado é... acho que até se fosse comigo não sei se eu também me levantaria tão cedo depois de tantas coisas que né... Mas então é desdói é... só existe nosso grupo mesmo... Mais aqui em São Paulo tem outro grupo né aqui em Parelheiros tem o Kunumi Mc o Kunumi Mc ele meio que começou com a gente também na época que a gente começava escrever as letras ele colava com a gente só olhava "hum... legal... não sei o que" aí como ele morava em outra aldeia a gente não tinha como trabalhar junto e mesmo depois que ele foi pra lá ele continuou escrevendo sozinho e hoje ele, ele é um dos raps mais respeitados tanto pela gente né a gente vê ele a gente fica feliz com ele ele também ele sempre fala "ou cola aqui na minha aldeia não sei o que pra gente dá um rolê a gente joga um futebol ou sei lá faz alguns vídeos e ele é ele canta sozinho ele cantava né agora parece que o irmão dele tá começando a se envolver com ele também se juntando mas é a gente eu encontro mais com ele do que com o Brô Mc's né então como é São Paulo tem um lugar que a gente vai ele tá sempre lá também então a gente acaba se encontrando fazendo umas brincadeiras que a gente costuma fazer e... e... ele é o outro grupo que tem é ele canta sozinho na real né ele é da aldeia do Krukutú aqui em Parelheiros Zona Sul.

Eu: É... além de tipo do de outras partes do movimento hip-hop tipo grafiteiros Bboys a galera que fica dança tem um pessoal aqui na aldeia também ou só de rap mesmo?

Jeferson: É na aldeia acho que nun tem muito isso né mais tem algumas pessoas é bem rara vê mas uns que dançam mesmo e tem umas ama o skate mas é aqui mesmo nessa aldeia é um pouco difícil encontrá mas tem outras aldeias que tem um grupo que eles dançam hip-hop e.. e eles entra em contato coma gente né tipo "Pô ia se massa nun sei o que se juntá" e a gente realmente é o nosso é a nossa missão isso né é... a gente que sim mas é ques essa luta que tá teno esses movimentos é acho que isso acaba também um pouco é não atrasano mais a gente deixa pra depois porque no momento tá difícil as coisas realmente a gente entende e a gente a nossa parte da nossa parte a gente nunca que deixa de de luta a gente nunca que deixa de participar das reuniões que acontece nas aldeias em lugares assim é.. tanto que amanhã tem uma van que vai sa daqui e vai pra Curitiba pra pra tá acompanhando pra tá dando força pros pessoal lá e dependendo dessa semana eu tenho que confirma lá direitinho meus perfil lá que sempre acaba os pessoal me avisando por cima assim "Ah eu vô ai te ve"sabe essas coisas então é meio que imprevisto essas coisa então eu to pretendendo ir pra lá mas nun é certeza ainda mas eu tenho muita vontade de ir pra lá realmente que eu já fui lá ano passado né.

Eu: É vocês participam de batalhas aqui perto?

Jeferson: É a gente já foi em Capão Redondo na Zona Sul é mais por aqui também a gente acostumava mais é acompanha mesmo né mais os pessoal sempre acaba chamando a gente "O temos menino ai da aldeia que faz rap é muito doido é muito loco" então tem aqui no centro mesmo tem a matilha cultural que é o ponto da onde onde a Sombra a CNJ os pessoal cola eles brincam bastante então é... Morro doce também Taipas é... a gente acaba conhecendo os cara que que é da area mesmo né que é da batalha eles convida a gente eu mesmo por mim eu já colei em algumas algumas é batalhas assim mas é com o grupo todo a gente foi mais pra acompanha mesmo né mas eu... eu que sou agitado os pessoal faz convite "Demoro mano vamo ai" ai como ele (novamente fazedo referencia ao Mano Glowlers, que apesar de estar presente estava cuidando do filho) é pai de dois filho é dois menino também a resposta é mais é mais né do que eu agora eu sou cabeça dura ainda.

Eu: É eu tava pensando é em colocar um trecho de uma musica de vocês no trabalho se você quiser escolher.

Jeferson: ah ia se legal normalmente é... é... a gente já fez vários desses trabalho assim né os pessoal procura bastante e uma coisa que eu ia pedi pra você era pra você compartilhar comigo também o link pra mim tá aacompanhando junto e pode pegar a musica da... contra a PEC o primeiro clip que saiu a gente gravou bem aqui na porta (fazendo referência a porta da casa de reza onde ocorreu a entrevista) nun sei se vocês chegaram a ve

Eu: Eu vi eu vi

Jeferson: então tem uma parte que que o Mano canta em guaraní que eu acho que pode pegá algum trechinho e a minha tem é mais o final que fala da fala um pouco de tudo né que a letra diz assim (começa a rimar) Salve save Xondaro Mc jamais vou esquecer da minha cultura da minha raiz pobre índio sou feliz sempre que eu quis o rap me ajudo aqui nessa aldeia nois tem nosso valor não queria aceitar mas eu digo pra vocês sofrimento a cada dez metro no relento na garoa índio só lamento e não à toa barraco de madeira no meio da cidade na selva de pedra onde impera a maldade aqui é sem massage aqui o papo é reto não olha torto branco índio não é correto as lei eles que faz olha pra nois jamais nois só queremos paz um pedacinho de terra pra nois ta bom demais (para de rimar) então essa parte eu curto bastante dá pra ces pega essa parte também."

Foto



Referências

BASSO, Ellen B. A musical view of the universe: kalapalo myth and ritual performances. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1985.

CESARINO, Pedro de Niemeyer. Oniska: Poética do Xamanismo na Amazônia. São Paulo: Perspectiva. 2011.

COELHO, Luis Fernando H.. *Para uma antropologia da música arara (Caribe): um estudo do sistema das músicas vocais*. 2003. Dissertação de mestrado em antropologia social - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2003.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F.. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 4 São Paulo: Ed.34. 1997.

DURKHEIM, Emile. As formas elementares da vida religiosa. 1996. São Paulo. Martins Fontes.

DOS SANTOS, Gilton Mendes & JUNIOR, Carlos Machado Dias. “Ciência da floresta: Por uma antropologia no plural, simétrica e cruzada”. *Revista de antropologia*. São Paulo. 2009. v.52 n1.

FAUSTO, C. Os Índios antes do Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2000. (Coleção Descobrimos o Brasil)

FAVRET-SAADA, Jeanne. 1990 “Etrê affecté”. *In Gradhiva: Reuve d’Histoire et d’Archives de l’Anthropologie*, 8 pp 3-9. Traduzido de Paula Siqueira. *Cadernos de campo* n. 13: 155-16. 2005.

GOLDMAN, Marcio. “Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia”. *Revista de antropologia*. São Paulo. USP. 2003. v.46 n2.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B.. A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2015.

LE BRETON, D.. "Antropologia dos Sentidos". Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes. 2016

MACEDO, Valéria. "Misturar e circular em modulações Guarani. Uma etiologia das (in)disposições". *Mana*. 23(3): 511-543. 2017

MENEZES BASTOS, Rafael. "Música nas sociedades indígenas das Terras Baixas da América do Sul: estado da arte". *Mana*. 13(2): 293-316. 2007.

MONTARDO, Deise Lucy Oliveira. *Através do Mbaraká: Música, dança e xamanismo Guarani*. São Paulo: EDUSP. 2009.

PIEIDADE, A. T. de C. O Canto do Kawoká: música, cosmologia e filosofia entre os Wauja do Alto Xingu. - Tese de doutorado em antropologia social - 2004 - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2004

RIGHI, V. J.. *RAP: Ritmo e Poesia. Construção identitária do negro no imaginário do rap brasileiro*. 2011. 515. Tese de Doutorado em Literatura Brasileira e Português - Universidade de Brasília, Brasília, 2011

SANTOS, M. A. C.. *O universo Hip-Hop e a fúria dos elementos*. 2017. 191. Tese de doutorado em educação - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017

SCHADEN, EGON. Aspectos fundamentais da cultura Guarani. *Antropologia* n.4 Boletim n.188 - 1954 - Universidade de São Paulo.

SEEGER, A. Por que cantam os Kisedjê?. São Paulo. Cosac Naify. 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, E. *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Ubu editora, n-I edições, 2018.

__. O nativo relativo. *Mana*. São Paulo- 2002 - vol.8. n.1. pp.113-148.

___ . Filiação intensiva e aliança demoníaca. *Novos Estudos* - 2007 - São Paulo - 77(1):91-126

WAGNER, R. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify. 2010.

WERLANG, GUILHERME. Musicalidade marubo, musicologia amazônica: tempo histórico e temporalidade mítica. *REVISTA USP*, São Paulo, n.77, p. 34-65, março/maio 2008

O ÍNDIO É FORTE. YouTube: videoclipe do grupo Oz guarani, publicado em 11 de setembro de 2018 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iXIpDa28HQU&feature=youtu.be>>. Acesso em: 27 de novembro de 2018.

RAP NO BRASIL, VOCÊ SABE COMO COMEÇOU?. *Revista Rap*, 2018. Disponível em: <<https://www.revistarap.com.br/rap-no-brasil/>> Acesso em: 27 de novembro de 2018.

CERIONI, Clara. Com D2, Criolo e Rincon, rappers lançam manifesto contra Bolsonaro. *Exame*, 2018. Disponível em: < Última visualização dia 22/10/2018 <https://exame.abril.com.br/brasil/com-d2-criolo-e-rincon-rappers-lancam-manifesto-contra-bolsonaro/>>. Acesso em: 27 de novembro de 2018.

CAVALCANTI, Amanda. Mano Brown está do lado certo. *Vice*, 2018. Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/zm9dae/mano-brown-esta-do-lado-certo>. Acesso em: 27 de novembro de 2018.

CONSELHO CONTINENTAL DA NAÇÃO GUARANI SE FORTALECE NA COLETIVIDADE E ORGANIZAÇÃO TRADICIONAL DOS POVOS INDÍGENAS. Conselho indigenista missionário, 2014. Disponível em: <<https://cimi.org.br/2014/08/36352/>>. Acesso em: 27 de novembro de 2018.

CONFERÊNCIA: ANATOMIA DO NOVO NEOLIBERALISMO. Departamento de sociologia, 2018. Disponível em: <<http://sociologia.fflch.usp.br/node/316>>. Acesso em: 28 de novembro de 2018.

MARIZ, Renata. Taxa de suicídio entre indígenas é três vezes maior que a média nacional. O globo, 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/taxa-de-suicidio-entre-indigenas-tres-vezes-maior-que-media-nacional-21850401>>. Acesso em 28 de novembro de 2018.

CAMPELO, Lilian. Taxa de suicídio entre indígenas é três vezes superior à média do país. Brasil de Fato, 2018. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/09/24/taxa-de-suicidios-entre-indigenas-e-tres-vezes-superior-a-media-do-pais/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2018.

WER MC & OZ GUARANI - PEMOMBA EME. Videoclip publicado em 25 de julho de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZHj5Aq685T0>>. Acesso em: 28 de novembro de 2018.

BARBA, Weslei. Um papo com Oz Guarani, o primeiro grupo indígena de rap de São Paulo. Vice noisey, 2017. Disponível em: <https://noisey.vice.com/pt_br/article/nzpeqq/oz-guarani-rap-indigena>. Acesso em: 28 de novembro de 2018.

RAP OZ GUARANI - CONTRA A PEC 215. Videoclip publicado em 14 de abril de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hyyBB_xf3jo>. Acesso em: 28 de novembro de 2018

DEMARCAÇÃO JÁ!. Videoclipe publicado em 24 de abril de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wbMzdkaMsd0>>. Acesso em: 28 de novembro de 2018

O JARAGUÁ É GUARANI: CONTRA A REINTEGRAÇÃO DE POSSE NA ALDEIA ITAKUPE. Vídeo publicado em 1 de abril de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GE6ma7VkhuM&feature=youtu.be>> Acesso em: 29 de novembro de 2018